ISSN 1984-7122
biblioocom
Ano2 | # 4 | edição bimestral | julho e agosto de 2009
Revista editada pela **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom**

Fragmentos da história do jornalismo brasileiro: Versus e as páginas da utopia

BARROS FILHO, Omar de. **Versus:** páginas da utopia, uma seleção de reportagens, entrevistas, ensaios e artigos. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. 284p.

ISBN: 978-85-88338-88-3

Xenya de Aguiar Bucchioni[1]

Versus: páginas da utopia é um projeto assinado por Omar de Barros Filho, que se propõe a difícil tarefa de condensar em 284 páginas fragmentos da atmosfera inquietante do jornal alternativo Versus. Repórter e editor de Versus, Omar, mais conhecido como Matico na redação do jornal, foi quem mais tempo permaneceu à frente do time que tornava o jornal uma realidade possível, por isso, ninguém melhor para reunir 38 textos que representem o que foi essa experiência do jornalismo brasileiro na época da ditadura militar. O projeto gráfico do livro tem autoria de Toninho Mendes e as ilustrações são de Carlos Clémen e Luiz Gê, dois nomes importantes da ilustração brasileira que também colaboraram com o jornal. A força visual do livro, muito bem arquitetada por Toninho Mendes, nos coloca diante da estética de ruptura que Versus imprimia em suas páginas a cada nova edição. A escolha de Toninho não é despropositada, afinal ele foi o primeiro editor de arte do jornal e o responsável por parte significativa do sucesso de Versus, com sua contribuição para um design gráfico inovador, sobretudo em tempos onde não se contava com as possibilidades dos atuais

[1] Jornalista graduada na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestranda do PPG em Comunicação Midiática (Unesp/FAAC) e bolsista da Fapesp, com a pesquisa Blog Diários: reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade. Pesquisadora do grupo Mídia e Sociedade (CNPq).

softwares gráficos. Toda essa criatividade pode ser acompanhada nas capas, presentes no livro, que remontam a vida de Versus.

Criado a partir da mente inventiva do brilhante jornalista Marcos Faerman, Versus nasceu em 1975, auge da imprensa alternativa brasileira (1975-1977), uma experiência jornalística efervescente durante a asfixia da ditadura militar (1964-1985). De formato tablóide e bimestral, como muitos alternativos, o jornal era vendido, inicialmente, de mão em mão. O "ponto de encontro do grupo era uma casa situada à rua Capote Valente, 376, em São Paulo. Lá, funcionava de maneira muito improvisada a sede do jornal, que não tinha nem sequer telefone. Debruçado sobre as questões da América Latina, o tablóide trazia um novo viés sobre a cultura, tateando uma identidade latino-americana. A partir da proposta de ser um jornal de aventuras, idéias, reportagens e cultura, buscou na última sua forma de ação, utilizando-a para dar unidade a uma América Latina marcada por regimes ditatoriais e por um colonialismo secular. Ao reconhecer a manifestação cultural dos povos latinos e sua força, Versus fez parte das transformações culturais da segunda metade da década de 70 e abriu suas páginas a índios, negros e trabalhadores, tornando-os protagonistas de suas estórias. Apesar de sua inclinação cultural, fato que lhe rendeu a classificação de "revista literária" ou "revista cultural", o jornal mostrava que seu entendimento sobre cultura nada tinha a ver com a comum seção de variedades presente na grande imprensa. "Cultura como forma de ação" era o mote que seus colaboradores se debruçavam, ao menos em seus primeiros anos.

De 1975 a 1979, Versus vivenciou em sua redação as mudanças do contexto histórico brasileiro e internacional, politizou-se a partir da explosão do movimento operário no ABC paulista, do (res)surgimento do movimento estudantil, da retirada do apoio norte-americano às ditaduras latino-americanas e dos primeiros sopros de posicionamento político que se verificaram no fortalecimento da oposição ao regime militar.. "A metáfora literária cedeu lugar à política, e isso se expressava não só nas reportagens, mas também no próprio grafismo de *Versus*, nas charges, nas ilustrações, enfim, na organização editorial em seu conjunto" (BARROS FILHO, p. 14, 2007). Uma seção dedicada a cultura negra sob o nome *"Afro-Latino- América"*, que contribuiu para a formação do Movimento Negro Unificado e capas com os títulos *"Um partido socialista está nascendo"* e *"A luta pelo PS"*, registros do movimento da Convergência Socialista nas discussões que mais tarde levaram à criação do Partido dos

Trabalhadores, evidenciam as transformações vivenciadas pelo jornal ao longo de sua existência.

Toda essa efervescência foi muito bem captada pela seleção de textos de Omar de Barros Filho, que inclui entrevistas com Michel Foucault (*"Hospícios, sexualidade, prisões"*), Glauber Rocha (*"Glauber Rocha: eu e o cinema, fotogramas de uma vida"*) e Gianfrancesco Guarnieri (*"Eu e o teatro: uma vida em seis atos"*), textos primorosos de Plínio Marcos sobre Plínio Marcos (*"Plínio Marcos por ele mesmo"*) e de Augusto Boal e suas aventuras teatrais na Europa, enquanto ansiava pelo retorno ao Brasil (*"Na terra de Pirandello"*). Outros textos importantes e especiais são *"A carta da Morte"*, que levou o jornalista argentino Rodolfo Walsh[2] à morte pela Junta Militar de seu país, em 1977, a reportagem de Hélio Goldsztejn sobre a guerrilha de Nicarágua, que foi reproduzida no *The New York Times*, afinal o repórter conseguiu a última entrevista de Somoza antes de sua queda, além da *"Carta aberta de um torturado ao presidente Geisel"*, um depoimento publicado denunciando os maus tratos e a violação dos direitos humanos contra os presos políticos do país, que rendeu o prêmio Vladimir Herzog ao jornal.

A variedade de textos e, em especial, a boa qualidade dos mesmos, fez Versus alcançar a tiragem de 30 mil exemplares distribuídos nacionalmente. Muito mais do que um mergulho na história, sobretudo no que diz respeito ao passado, presente e futuro da América Latina, o jornal dialoga com o próprio fazer jornalístico. Não por acaso, foi durante a ditadura militar brasileira que a grande imprensa iniciou um processo de remodelamento de sua estrutura, com uma (re)orientação do fazer jornalístico atrelado ao modelo do jornalismo norte-americano, baseado em manuais de redação e estilo e na linguagem objetiva, ancorada no *lead*. Na contramão, estavam os textos de Versus, inspirados nas grandes reportagens, no realismo presente na América Latina, nos anônimos encontrados nas andanças de seus colaboradores. Há quem diga que a partir da politização do jornal sua linguagem empobreceu, burocratizou-se. O fato é que as mudanças de Versus só podem ser entendidas se relacionadas ao contexto histórico em questão, como bem expressam as considerações de Omar de Barros Filho, as divergências soam, hoje, pueris, em última análise o fim de Versus foi o mesmo de toda

[2] Nascido na Argentina foi um dos expoentes da reportagem na América Latina, sua publicação mais conhecida é Operación Masacre, de 1957. Perseguido pela ditadura militar Argentina, acabou assassinado.

a imprensa alternativa. Os "nanicos", como éramos chamados pejorativamente, desapareceram um a um no compasso da reconquista democrática, da liberdade de expressão, das crises econômicas, e do curso da monopolização da informação pelos grandes e tradicionais meios" (BARROS FILHO, p. 15, 2007)[3]. Divergências à parte, essa outra concepção de jornalismo presente nas páginas de Versus é posta em questão por um dos textos que compõem o excelente trabalho de Omar de Barros Filho. A autoria de *"As palavras aprisionadas"* é de Marcos Faerman, não por acaso o idealizador de Versus. Para finalizar a resenha em questão, farei uma rápida abordagem desse texto que sintetiza aquilo que foi a alma de Versus.

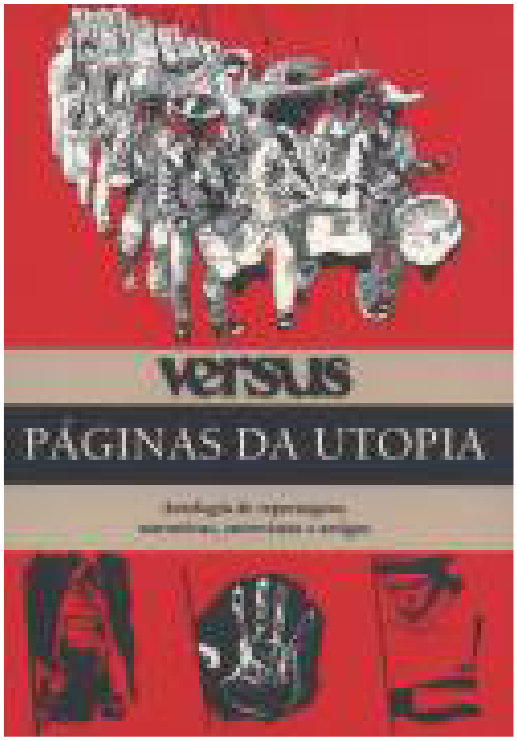
Um convite à leitura, o desfecho necessário

Versus: Páginas da utopia nos força a entender essa utopia para além do sonho de um outro modelo político, mas, e principalmente, como um combustível para mover as engrenagens do próprio jornalismo, para Faerman e em Versus, entendido não como forma intrusiva de roubar as aspas do próximo, mas sim como algo que floresce de um contato com o outro, de um abrir-se ao outro para formar-se *em* e *na* relação com o outro. Em *"As palavras aprisionadas*", temos o repórter, seu gravador, sua pauta e sua caneta *Bic* diante de um homem sentado à beira de um rio corroído pelo mercúrio, que mata os peixes que alimentam os homens. A pauta e a realidade em questão. O repórter trabalha com a realidade, para Faerman composta pela própria natureza e os homens. Como entender tudo que nos rodeia? Como entender os conflitos, as mentiras aparentes e as verdades ocultas? Que instrumentos usar na hora da revelação?, indaga-se Faerman ao longo do texto. O repórter diante de sua sensibilidade, com toda a sua insensibilidade. A serviço de uma empresa jornalística, com horários e tempos determinados, com a única certeza que advém daquilo que lhe disseram ser a linguagem jornalística. Ao que Faerman questiona:

> A questão do "texto objetivo". A pergunta: que texto é este? Onde nascem e com quem a técnica jornalística ensinada pelo que é publicado nos jornais e revistas, e pelas "Escolas de Comunicação". Onde nasceram e como as idéias de objetividade e neutralidade? Uma resposta possível: este texto jornalístico, esta linguagem fluente nos jornais surge com a estruturação da imprensa em forma de empresa/imprensa; empresas ligadas diretamente a determinada forma de organização da sociedade, o capitalismo. A linguagem da imprensa

[3] Essa polêmica é retratada brevemente por KUCINSKI, B. Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EDUSP, 2003. No entanto, o autor atribui o fechamento de Versus aquilo que ele denominou como *entrismo* (a presença da Convergência Socialista na redação). Vale ressaltar que o próprio Faerman, ao menos de início, foi adepto às idéias desse movimento, como fica expresso na obra da resenha em questão.

> norte-americana se disseminando pelo mundo. A expansão de um Império e das idéias que o justificam. (BARROS FILHO, p. 87, 2007).

A polaridade entre o "texto jornalístico" e o "antijornalístico", transformando o jornalista em seu próprio censor. Além da confusão entre expressão jornalística e linguagem do poder, que se misturam, até amalgamarem-se uma a outra, como se a linguagem não viesse sempre de algum lugar, como expressa Faerman. Como alcançar a realidade daquele homem sentado à beira do rio a partir de um conjunto de técnicas de linguagem? Eis a sugestão de Faerman: o jornalismo como método de trabalho, como instrumento de descoberta de uma realidade, com formas próprias, anotações, pesquisa, não como uma linguagem. O último tópico de seu texto, intitulado *"Manifesto pela libertação da palavra"*, reflete-se em toda a experiência de vida de Versus – independentemente das transformações e mudanças ao longo de sua existência – ao dizer que a linguagem não deve ser uma fuga, mas sim um caminho para a captação de uma sociedade e suas contradições e "da única coisa que nos interessa: o ser humano sufocado em sua vontade de ser" (BARROS FILHO, p. 89, 2007).

Ao percorrer as páginas da obra de Barros Filho (2007), o leitor sentirá, em alguns momentos dificuldade em se ambientar à estrutura de certos textos, até mesmo a algumas entrevistas, porém não deve desistir e nem se assustar, mas sim se aventurar tal qual a proposta do próprio Versus. Boa leitura!